

ID: 114662496

16-12-2024

André Leonardo

Professor no ISCTE-Executive Education, autor dos livros "Faz Acontecer" e "Orador de Elite", 'speaker' e empreendedor

“É muito difícil bater alguém que nunca desiste”

ANTONIAORAUJO



Paula Gouveia
pgouveia@acorianooriental.pt

Acaba de apresentar na ilha Terceira, sua terranatal, o documentário “Faz acontecer”, como mesmo nome do livro. Como foi rever, 10 anos depois, esta volta ao mundo para colecionar experiências de empreendedores?

Este marco dos 10 anos acaba por ser simbólico para um projeto e viagem que foram também eles muito especiais. Este documentário apareceu porque há uns tempos o realizador João Mestre que, sabendo da existência da viagem, – não sei se pelo livro ou por uma palestra – me abordou questionando se haveria a possibilidade e interesse em fazer um documentário pelo potencial que acreditava ter para chegar às pessoas. Explicou-me que fazer um documentário destes implicava abrir a porta de casa, da família, dos amigos e de mim mesmo o que não é algo que toda a gente queira ou sequer esteja confortável. Também me explicou que para ser o mais genuíno e verdadeiro teria de passar muitas horas com ele a contar todos os detalhes da via-

gem – mesmo aqueles que nunca tinha partilhado a ninguém – e a vasculhar no arquivo por imagens e vídeos, alguns que também nunca tinham sido vistos por mais ninguém para além de mim. Na altura torci um pouco o nariz à ideia, mas a pouco e pouco comecei a ver este documentário como mais uma forma de cumprir exatamente o propósito que a viagem teve há 10 anos: inspirar a, não apenas terem sonhos e objetivos, mas sobretudo a fazê-los acontecer. Isto para dizer que o documentário fala de uma viagem pelo mundo, mas é verdadeiramente sobre a ‘luta’ e sacrifício que que há quando ousamos ser diferentes, colocar sonhos de pé, ultrapassar desafios e fazer acontecer. Seja uma volta ao mundo, seja outra coisa qualquer. É também sobre família, pais, irmãos, filhos e amigos. Sou suspeito, mas, de facto, o realizador João Mestre, teve todo o mérito em conseguir fazer deste documentário uma viagem maior que o mundo.

O passado dia 7 de dezembro, em “casa”, teve um sabor muito especial desde logo porque só eu – e a minha esposa – é que tínhamos visto o documentário. De resto,

“

A capacidade de sacrifício e de adaptação, aliadas à estratégia certa, à persistência e resiliência são capazes de tudo.

para pais, amigos, conhecidos e curiosos, era uma estreia e os níveis de ansiedade – sobretudo os meus – estavam nos píncaros. Felizmente o *feedback* foi melhor do que eu podia ter imaginado. E sobretudo foi emocionante ver a adesão massiva da comunidade local, mas também ver gente a viajar de propósito de outras ilhas e do continente... o evento de estreia do documentário esgotou com praticamente uma semana de antecedência e isso diz tudo. Nunca me sinto sozinho. Foi assim na viagem e é assim 10 anos depois. É simplesmente mágico ver estas coisas a aconte-

cer. Por isso, por muito caminho que este documentário possa depois percorrer, e oxalá consiga, só me fazia sentido começar por partilhar este momento no lugar onde tudo começou há 10 anos. A partir daqui vamos para o mundo.

A esta distância, o que diria que foi a sua maior aprendizagem nesta aventura? Escreveu um primeiro livro, depois de percorrer 23 países, 4 continentes e 126 mil km, mas há alguma coisa que acrescentaria ao que então escreveu sobre esta experiência?

Depois de passar pelo mundo, percorrer ecossistemas empreendedores e contextos tão diferentes como bairros de lata no Quênia até Silicon Valley nos EUA ou Tel Aviv em Israel, as mecas do empreendedorismo tecnológico, há uma certeza que me fica: o “difícil é diferente do impossível” e de que muitas vezes só não fazemos o que não queremos. A capacidade de sacrifício e de adaptação, aliadas à estratégia certa, à persistência e resiliência são capazes de tudo. É muito difícil bater alguém que nunca desiste. E estas, havendo outras, foram provavelmente as maioríssimas aprendizagens deste pro-

jeto e viagem. Tudo isto está bem presente no livro "Faz Acontecer". Repare que eu nunca tinha escrito um livro na vida... ver que passados estes anos cumpriu exatamente o seu propósito é fantástico conseguindo trazer tantas coisas boas para tanta gente, inspirar, motivar, fazer tirar da gaveta sonhos e fazer com que algumas pessoas levantassem o rabo do sofá, vivessem e fossem atrás do que lhes faz brilhar os olhos é emocionante. Saber que o livro se tornou *best-seller* sendo um dos livros de empreendedorismo e motivação mais vendidos em Portugal é – para mim – ainda surreal. E acho que o livro tem tudo aquilo que tinha de ter. No entanto, se tivesse de adicionar alguma coisa – ou pelo menos – deixá-la ainda mais clara, é para seguir sempre o meu instinto. O coração geralmente sabe o caminho, mas, tantas são as vezes que a maldita segurança, nos trava. Hoje acredito que estar vivo não é só sobre estar seguro. É sobre sentir-me entusiasmado e feliz com o dia-a-dia, afinal, 'isto' não tem de só ser uma chatice onde 22 dias de férias anuais são o único suspiro de alívio. É chegar o fim sem grandes arrependimentos, sentir que foi uma viagem do caraças, vivida a 100%. O objetivo 'disto' tudo é ser



Se for a qualquer escola e perguntar a um auditório de jovens quem tem com objetivo no futuro criar um negócio são poucos os que vão levantar a mão.

feliz, por isso tomar as pequenas decisões com a cabeça, mas as grandes decisões com o coração é algo que me faria sentido clarificar e destacar no livro.

O que explica a sua constante procura por "lições e ensinamentos vitais" junto de outros empreendedores? Como os aplica?

Tem-me movido uma máxima um pouco lamechas que passa por transformar corações vazios em corações cheios. Trazer inspiração, autoconhecimento, atitude, sangue na guelra e passar esta mensagem misturada com estratégia, ciência e fundamento. E na academia e na universidade, podemos chegar a conclusões lendo a literatura toda anterior, pesquisando e escrevendo em cima disso ou – aquele formato que gosto mais – indo para o terreno com casos de estudo, fazendo entrevistas e observando como se faz. Eu sou também um académico, coordenador de Pós-Graduação no ISCTE-Executive Education, douro na mesma escola, e procuro constantemente pegar na mochila e ir aprender com quem, mais do que falar, faz efetivamente. Para além da volta ao mundo já me meti no avião para aprender com muita gente, ainda este ano estive uma semana na Arábia Saudita a aprender com os me-

lhores do mundo, jogadores e treinadores percebendo da forma de liderar, gerir equipas até à capacidade de motivar – o que se aprende e extrai ali numa semana é surreal. Em simultâneo, como ferramenta para passar mensagens, ter casos reais de gente de carne e osso que, em contextos como o nosso (ou piores), levantou o rabo do sofá, foi "à luta" e fez acontecer é muito forte. Afinal, que melhor forma há de mostrar alguém que ela também consegue do que mostrar outro alguém que também fez? Na minha forma de ver, poucas. Não será certamente com despachos, diretrizes ou atrás de púlpitos com fato e gravata.

No meu caso, aplico o que aprendi diariamente nos meus projetos e negócios. Tenho algumas máximas que sintetizam muitas das lições que as pessoas que fazem acontecer me passaram – todas elas presentes nos meus livros e que partilho regularmente nas minhas formações e palestras. Olhar para estes ensinamentos faz-me lembrar que o verdadeiro caminho para se ser feliz não está em escolher a vida mais fácil. Está em viver com entusiasmo, desfrutando do caminho com brilho nos olhos

Nos Açores, temos um ambiente propício ao empreendedorismo e à inovação? Se não, o que falta? O que é preciso melhorar?

Eu apesar de ter regressado aos Açores há três anos acabo por fazer o meu dia-a-dia profissional fora, sejam as aulas na universidade, sejam as sessões com empresas. A atualidade regional vou acompanhando atentamente, mas sempre com algum distanciamento. O que me parece é que se tem feito um grande caminho para se trazer infraestruturas e ferramentas de apoio – sejam incubadoras, apoios ao investimento, etc. –, o que tem a quota parte de importância, mas continuamos a precisar de caminhar naquilo que (para mim) faz a diferença que é a 'cultura'. E eu aposto que se for a qualquer escola e perguntar a um auditório de jovens quem tem com objetivo no futuro criar um negócio são poucos os que vão levantar a mão. Aposto também que se perguntar aos pais desses mesmos alunos o que deseja para o seguro do seu filho, as respostas serão em larga escala que querem que o seu filho encontre um trabalho seguro e faça a sua vida sem chatices. Não é – como vi em várias partes do mundo – fazer acontecer as suas empresas, gerar emprego para outros, criar valor, arriscar, errar e levantar, ir atrás... e isso, naturalmente faz uma diferença enorme por mais incubadoras e sistemas de apoio que possam existir. Há uma mudança de mentalidade que precisa de ser feita e por isso eventos, palestras, programas de fomento ao empreendedorismo com uma tónica mais inspiracional e menos técnica são fulcrais. Gerar e agarrar casos de sucesso que mostrem que é possível é outro dos pontos. Juntar-lhe boas redes de suporte e mentoria também. Afinal, qualquer empreendedor "a sério" não faz ou deixa de fazer um projeto porque existe uma incubadora com uma secretária e internet para o receber. Mas, como disse, vou acompanhando um pouco à distância. ■